



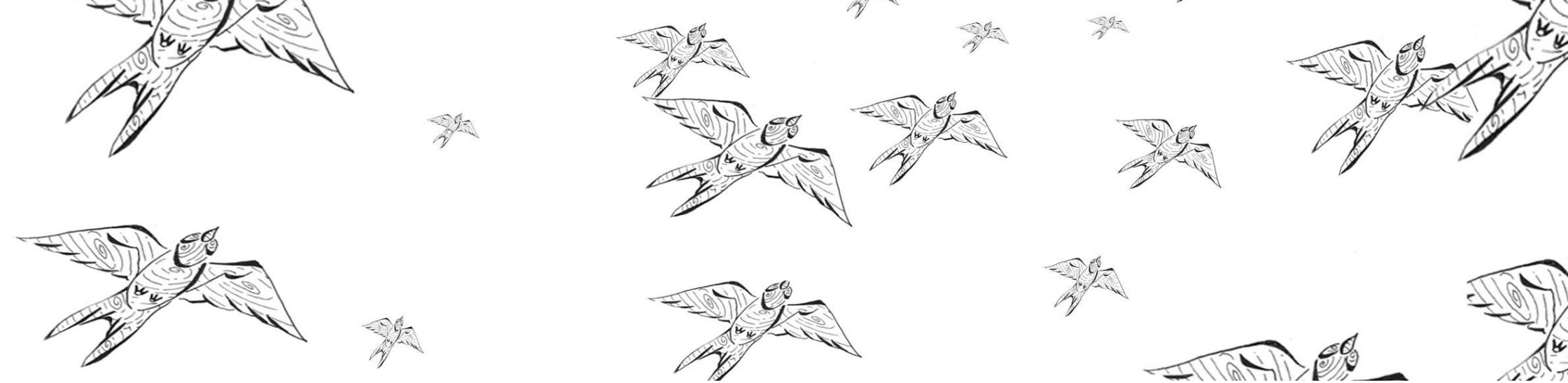
Jeovanna Vitoria e João Vitor. Replantação em fotografia por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Concórdia do Pará - PA, novembro de 2017

CARTA PARA MEUS SOBRINHOS E FUTUROS PESQUISADORES



AS ANDORINHAS

Juanielson A. Silva



ANDORINHAS (S.F.)

Seres que voam para longe de casa; aves-farinheiros-
artistas-pesquisadores; migrantes; encantaria.

Andorinhas. Replantação em desenho por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Belém do Pará – PA, abril de 2018.



RASTROS DE UM CADERNO DE ARTISTA...



O Farinheiro e andorinha encantada

Esta é a história de um farinheiro viajante, que há muito tempo tinha vontade de conhecer o céu. Seu desejo era tão grande que chamou atenção de uma andorinha encantada, que passou a observá-lo a vida inteira, esperando o momento certo para presentear-lo.

Quando o Farinheiro completou 17 anos, a Andorinha encantada apareceu e disse a ele que realizaria seu desejo, mas com uma condição: ao partir, abandonaria tudo que amava e nunca mais voltaria. Concordando com tal condição, montado nas costas da andorinha, ele partiu para longe de suas terras em direção ao céu. Voou alto, tão alto que chegou além das nuvens. Lá em cima, teve duas das mais lindas visões de sua vida: a infinitude do céu e a imensidão da terra.

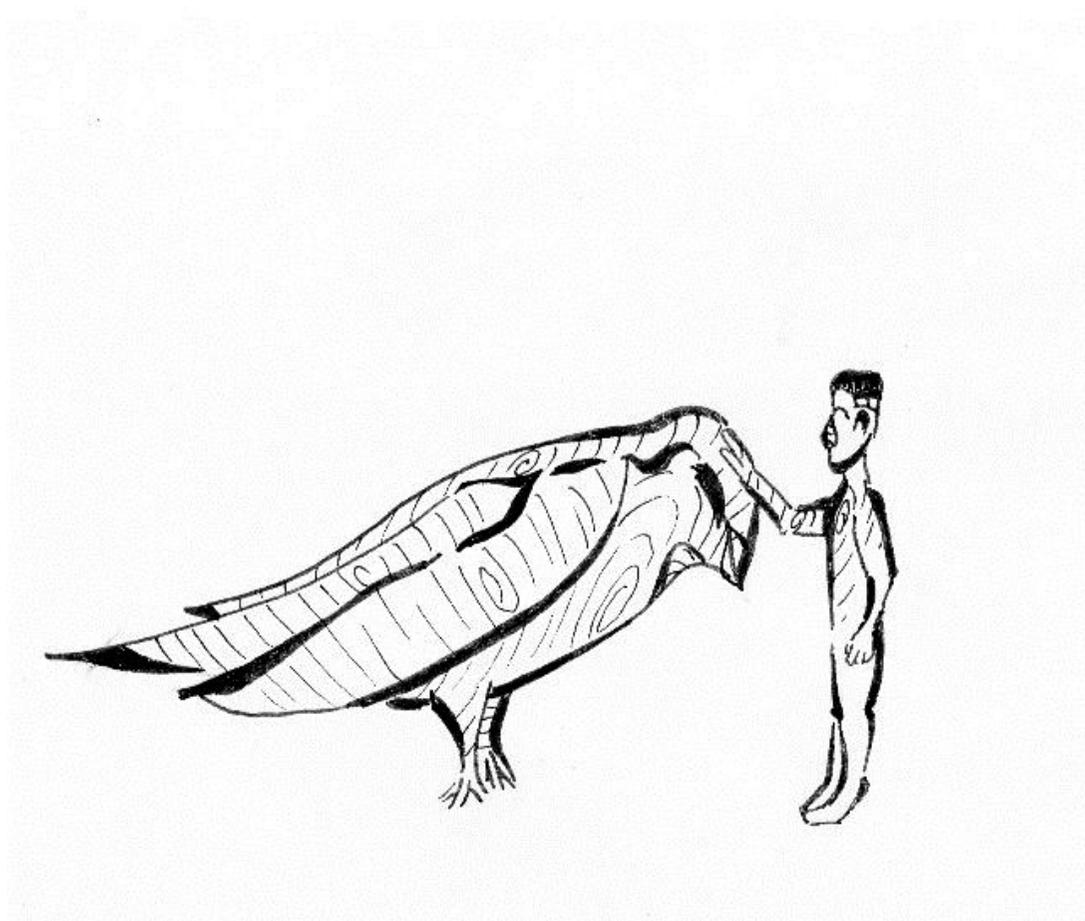
Por longos anos permaneceu ali, aprendendo sobre a noite, sobre o dia, sobre as tempestades e os arco-íris. De longe, ele via a vida ir e voltar em seus mais diversos ciclos, porém quanto mais o farinheiro aprendia sobre o céu e sobre mundo dos outros, mais desconhecia o seu, porque ali ele estava só e longe das pessoas que amava.

Em súplicas, cansado de saber muito sobre tudo e pouco sobre si, preenchido de uma saudade inimaginável e uma solidão incontrolável, pediu à andorinha que o levasse de volta até a porteira que demarcava a entrada no terreno de sua casa de farinha. A andorinha, contudo, o advertiu. Era preciso que o farinheiro lembrasse de sua condição: Não era permitido retornar.

Ainda assim, ele insistiu. Disse ao pássaro que seus conhecimentos não seriam usados para o mal, mas para ajudar aqueles que precisavam enxergar para além das fronteiras de suas próprias visões, e prometeu que um dia retornaria para fazer companhia à andorinha, mas dessa vez como seu semelhante.

Convencida da lealdade do farinheiro, os dois retornaram, mas, a partir do momento que pisasse no chão de suas terras, o farinheiro não mais contaria com a ajuda da andorinha, pois precisaria por conta própria transforma-se em encantaria

O Farinheiro e andorinha encantada. Replantação em conto por Juanielson A. Silva. Acervo da família, Concórdia do Pará - PA, entre maio e setembro de 2018.



O (re)encontro. Replantação em desenho por Juanielson A. Silva. Acervo da família, Belém do Pará -PA, outubro de 2018



Belém do Pará, março de 2019.

Para: Meus sobrinhos e futuros pesquisadores

Olá, meus queridos. Estou escrevendo esta carta para contar-lhes sobre as aventuras de seu tio farinheiro viajante, filho de terras distantes que voou para longe de seu ninho em busca de novos caminhos.

Migrante de Concórdia do Pará, cheguei na capital paraense, Belém do Pará (onde resido atualmente), no ano de 2012, para cursar a faculdade de Pedagogia pelas Faculdades Integradas Ipiranga, enquanto bolsista do Programa Universidade para Todos. Paralelo a isso, iniciei meus estudos em Dança, inicialmente como bailarino interprete-criador da Companhia Moderno de Dança e de seu grupo preparatório, Grupo de Dança Moderno em Cena. Em seguida, no ano de 2016, no curso técnico profissionalizante de Dança na Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA) e, no ano seguinte, em 2017, como mestrando em Artes pelo Programa de pós-graduação em Artes da UFPA.

Com um projeto que nem mesmo eu sabia por onde caminharia, busquei a partir de então, por meio da criação em Dança, reencontrar-me e reinventar-me. Dessa forma, impulsionado pela vontade de pesquisar minhas origens, isto é, minha terra natal, enquanto lugar-potência-pulsão para criação em Dança, quase sete anos depois de ter partido, retornei à minha casa de farinha: Concórdia do Pará.

Concórdia do Pará, é um município localizado na microrregião de Tomé-açu no nordeste brasileiro, fundado em 10 de maio de 1988.

UM TRAJETO DE VIDA-ARTE e ACADEMIA

*Inicialmente, quando ingressei no mestrado acadêmico em Artes da UFPA, meu projeto de pesquisa chamava-se "**Farinha Poética: A poesia e um processo criativo em dança**" e tinha a pretensão de fazer um espetáculo de dança em homenagem as mulheres produtoras de farinha de Concórdia do Pará, minha cidade natal, uma homenagem à história de minha mamãe enquanto mulher-farinheira.*

*Todavia, meu projeto de pesquisa começou a se alterar logo que começaram as aulas do mestrado acadêmico, quando cursei uma disciplina chamada **Pesquisa e procedimentos metodológicos em artes** com as professoras Dra. Claudia Leão e Dra. Maria dos Remédios de Brito, que me apresentaram a noção de **Cartografia**: uma noção metodológica para acompanhamento de processos que, não só permite a escrita acadêmica se construir de acordo com o processo criativo em Arte/Dança, como dilata novas possibilidades para fazer-pensar uma pesquisa acadêmica.*

O projeto de pesquisa não mudou bruscamente, acredito eu, apenas encontrou uma maneira de pensar e fazer aquilo que se pretendia enquanto argumentação teórica: encontrou sua noção metodológica.



Ao longo dos encontros dessa disciplina, principalmente depois que encontrei a **Cartografia**, fui percebendo que quando se fala de pesquisa em artes/Dança, e de processo de criação, pouco se fala do outro, ou o outro pouco fala e, quando fala, é por meio daquele que cria a obra: a pesquisa em Arte/Dança é primordialmente uma escrita poética e acadêmica, que parte da experiência daquele que pesquisa. É por meio de sua narrativa, que a narrativa do outro ganha corpo cênico e epistêmico no âmbito da poética e da construção teórica em torno desta.

Compreendi então, que a pesquisa que me proponha a realizar não mais falava das mulheres que produzem farinha em meu município e sim, mais especificamente, de minha mãe e de minha relação com ela. Desta forma, o projeto passou a olhar as relações familiares em torno do preparo da farinha de mandioca como pulsão para a criação em Dança. Logo a relação com meu pai, com meus irmãos e com vocês, meus sobrinhos, também tomaram frente na pesquisa cartográfica. Sendo assim, a pesquisa, a partir daquele momento, passou a falar de minha(s) família(s) e de minhas experiências familiares com meus semelhantes. A se constituir a partir de mim e de minha jornada enquanto artista-farinheiro e pesquisador e, desta forma, o projeto de pesquisa passou a se intitular: **"Farinha Poética: a coreocartografia familiar e um processo criativo em dança"**.

Estas mudanças reverberaram também na compreensão do que eu estava chamando de "espetáculo de Dança", pois a partir do momento que compreendi que a experiência cênica que me propuz a realizar, bem como o processo da pesquisa para esta, não se tratava de uma reprodução mimética do preparo da farinha, ou apenas uma (re)contação das histórias daqueles que o fazem, mas sim um verdadeiro trajeto de reencontro comigo (trajeto de cura) e de reaproximação com a família, com meus amigos e com minha comunidade. Percebi que a coreocartografia familiar é, uma além de uma jornada artística e acadêmica, também uma jornada ritualística, um diálogo híbrido e indissociável entre Arte, universidade e vida. De tal forma, passei a chamar o "Espetáculo de Dança Farinha poética" de "Rito artístico Farinha poética" e meu projeto passou a se designar:

"Farinha poética: a Coreocartografia familiar de um Rito Artístico"

E assim permanece até o momento.

Estas são dimensões novas para mim, algumas imensuráveis, que me atravessaram de forma muito potente. Logo, há inquietações que eu não conseguirei descrever aqui nestes escritos, pois há na Arte/Dança proporções que somente a cena consegue alcançar, pois esta Arte/Dança que me proponho a fazer tornou-se mais do que um reflexo de experiências da vida, ela tornou-se uma própria experiência de vida.

Desta forma, disponho-me ao longo de meus escritos sobre minha pesquisa, que são feitos em formas de cartas, relatar uma experiência de criação em Dança e, a partir deste relato, propor uma reflexão sobre questões que atravessam a mesma. Reflexão esta que faz apontamentos para



a formulação de quatro noções de uma possível epistemologia em Dança, que pretendo desenvolver de forma mais aprofundada em meus estudos futuros. São estas as noções de: **Coreocartografia familiar**, **Rito artístico**, **corpo raiz** e **corpo metáfora**.

Digo apontamentos, pois não haveria como as reflexões serem aprofundadas e suprirem a demanda de formular essas quatro noções no tempo hábil de um mestrado acadêmico (atualmente com 2 anos de duração), mas me permite, por meio da conexão com diversos autores, encontrar seus primeiros alicerces epistemológicos. Para tal, além da experiência prática de composição e encenação em Dança, das visitas, conversas e experiências corpóreas com meus familiares farinheiros, crio uma rede de teóricos composta por pensadores engajados em epistemologias contemporâneas da **Filosofia**, como Guilles Deleuze, Felix Guattari, Henri Bergson, Giorgio Agamben, Friedrich Nietzsche e João de Jesus Paes Loureiro, das **Artes** de forma mais ampla, como Cecilia Salles, Fayga Ostrower e Stéphane Huchet, e de forma mais específica, da **Dança**, como Ana Flavia Mendes, Thereza R. Cardoso, Eliana Rodrigues, Hugo L. da Silva, dentre outros.

O que busco fazer então por meio de minha pesquisa é uma transversalização de saberes, na qual o saber acadêmico, o saber artístico (prático principalmente) e o saber do senso comum se imbricam, se misturam, se enraízam em uma rede que não sobrepõe um ao outro.

*Territórios de
saberes
[distintos] que se
intercruzam e
se
transversalizam
para compor
uma teoria e
prática em
Dança que
permanece em
constante
estado de
inventabilidade.*



Desse modo, meus queridos, estas cartas que escrevo, inclusive esta que vocês estão lendo, não são uma resposta exata e fechada sobre uma dança, elas são uma tentativa de desvelar minha trajetória artística-acadêmica e de vida para mostrar a (des)organização que se passa em minha mente enquanto penso e crio dança. São relatos, reflexões e apontamentos.

AH! E falando em compreender melhor, é importante ressaltar que minha pesquisa de mestrado foi realizada no âmbito da linha 01 de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Artes da UFPA, ou seja, linha de Poéticas e Processos de Atuação em Artes. Linha de pesquisa esta que me dá a opção de escrever um memorial de pesquisa ao invés de uma dissertação de mestrado: O memorial de pesquisa é uma escrita poética-acadêmica que pode ou não seguir as regras da Associação Brasileira de Normas técnicas (ABNT), possibilitando que este possa gerenciar sua própria escrita, isto é, sua linguagem, seus signos e seus planos de composição.

Por isso, escolhi escrever meu memorial em 6 cartas e dois cadernos de artista, ao invés de fazer uma dissertação padrão de mestrado; escolhi como primeiros destinatários destas cartas vocês, meus sobrinhos, bem como meus irmãos, pais e amigos; escolhi usar verbetes do preparo da farinha de mandioca como indutores e metáforas para a escrita memorial ao invés de títulos e subtítulos “cabeçudos” e de difícil acesso; escolhi riscar as citações diretas de outros autores, porque penso que uma pesquisa acadêmica desta natureza não é (ou não deveria ser) destinada apenas para pesquisadores que já tem entendem a linguagem pré-disposta pela academia. Riscar as citações, então, é uma estratégia política para questionar, dentre outras questões, a acessibilidade aos conteúdos que produzimos na universidade por pessoas que não estão neste contexto. Desta forma, o leitor pode escolher lê-las, caso seja de seu interesse se aprofundar no conteúdo, ou apenas seguir o texto despreziosamente; escolhi também desenhar um mapa para a organização da pesquisa, ao invés de um sumário, dando a liberdade ao leitor para escolher ler as cartas em sua ordem original ou não; e ainda, escolhi tornar todas as fotografias e desenhos de minha autoria acervos da família, pois compreendo que apesar de assinar sozinho a pesquisa, ela não se deu desta forma, uma vez que minha pesquisa é de natureza coletiva, resultante de um trabalho em equipe, logo é pertencente a uma família.

Todavia, é importante ressaltar também que estas cartas não são cartas convencionais, escritas de forma tradicional, pois além de, vez ou outra, seus destinatários vem “citações” riscadas, como já mencionei, a plasticidade destas conta com desenhos rasgados, fotografias queimadas, espaços em brancos, rastros de experiências por meio de trechos de meus cadernos de artista, dentre outras coisas. Estas cartas são frutos de minha imaginação, da bagunça que é a minha cabeça, assim como são frutos de um caminho desordenado da pesquisa, são criações de um caos descompromissadas de uma lógica pré-disposta da escrita.

*E já que chegamos neste assunto, deixem-me apresenta-los meu **Mapa coreocartográfico do Rito Artístico Farinha poética**, que diz respeito a forma com que optei por organizar minha escrita:*

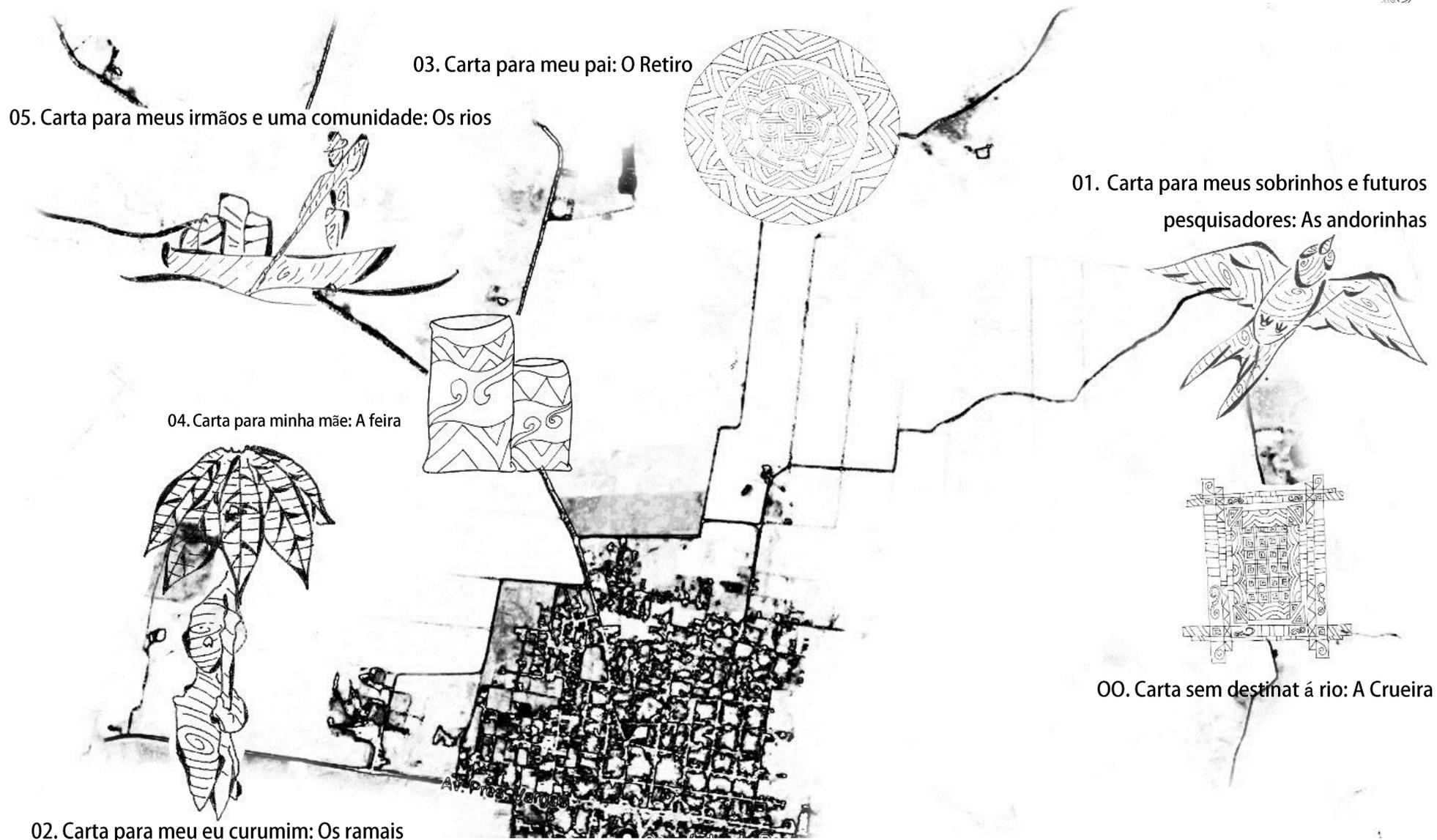


Neste mapa, cada ícone representa uma das cartas que escrevi, são representações de uma perspectiva sobre o processo criativo do Rito artístico Farinha poética e sobre minha vida enquanto lugar de/para pesquisa em Artes/Dança.

Sabe-se a que:

Mapa coreocartográfico é a maneira como a pesquisa se organiza enquanto trajeto epistêmico;

Rito Artístico Farinha poética é o nome da poética cênica resultante de minha pesquisa;



03. Carta para meu pai: O Retiro

05. Carta para meus irmãos e uma comunidade: Os rios

01. Carta para meus sobrinhos e futuros pesquisadores: As andorinhas

04. Carta para minha mãe: A feira

00. Carta sem destinatário: A Crureira

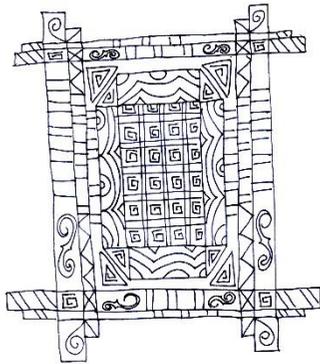
02. Carta para meu eu curumim: Os ramais

Mapa coreocartográfico do Rito Artístico Farinha Poética. Replantação em desenho por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Belém do Pará - PA, entre agosto e dezembro de

2018.



Peneirar para ver o que resta.



A Carta sem destinatário sobre a Crueira surge do entendimento que os referenciais teóricos, bem como as formalidades acadêmicas, organizados de forma pragmática, são resíduos de uma pesquisa em Artes e não seus alicerces. São formalidades que eu gostaria de jogar fora, porém ainda se fazem necessárias no sistema de produção de conteúdo acadêmico.

Voar, mas sempre pôr os pés no chão, quando necessário for.



A Carta para meus sobrinhos e futuros pesquisadores sobre as andorinhas nasce de meu desejo que estes destinatários, assim como eu, tornem-se andorinhas que voam para longe de seu ninho, seja sua casa ou seja sua forma de pesquisar Arte, em busca de novas experiências, de novos conhecimentos e novas perspectivas. Nela, tramo algumas questões e introduzo minha pesquisa, apresento meu projeto, minha maneira de escrever, meus principais referenciais teóricos e meu plano de composição.

Se embrenhar para voltar a ser criança e colher afetos.



A Carta para meu eu curumim sobre Os Ramais emerge do ato de se embrenhar no mato durante o preparo da farinha, de ir ao roçado por meio dos ramais para colher mandiocas. Surge também de minha experiência de estrada, seja na saída da zona urbana para a zona rural para produzir farinha de mandioca ao longo da minha infância, ou seja, quando resolvi “pegar a estrada” e sair de minha cidade natal. Manifesta-se ainda por causa da concepção de processo criativo como trajeto em estado de invenção, sendo assim, nesta, destrincho minha noção metodológica de pesquisa em dança: a coreocartografia familiar.



Torrar para se resignificar.



A **carta para meu papai sobre o retiro** se origina da ideia da casa de farinha (ou retiro, como é conhecido na região de Concórdia do Pará) como um lugar de preparação da massa para, depois de um longo processo, finalmente se tornar o alimento que será vendido e/ou consumido pelas famílias. Nesta carta, escrevo para meu pai sobre como funciona o meu forno de pesquisa, isto é, os meus ensaios e apresento os procedimentos de transformação do gesto cotidiano em símbolos ritualísticos: amolecer, prensar, peneirar e torrar o gesto.

Nela, trato do processo de transformação do gesto cotidiano em dança como um processo de morte, ou seja, os ensaios como lugar da criação de novos sentidos o corpo que dança. É destinada ao meu pai, pois ele, atualmente, é a pessoa que mais tem sofrido com a questão da morte em minha casa.

Compartilhar para multiplicar

A **carta para minha mamãe sobre a feira** é onde escrevo sobre o lugar de compartilhamento de minha farinha, lugar de culminância da Dança e de seus processos. Nesta, escrevo sobre a feira da pesquisa, isto é, sobre a partilha de minhas histórias e experiências no mundo por meio da experiência cênica do **Rito Artístico Farinha poética**.



Esta carta é destinada à minha mãe, porque costumo dizer que sou a personificação da farinha que ela compartilha com o mundo e porque escrevo nesta carta, assim como em cena no **Rito Artístico Farinha poética**, sobre esperança, conquista, comunhão e ritualização.



[Não] atravessar é também um caminho.

A **carta para meus irmãos e uma comunidade sobre os rios**, é onde escrevo sobre como esta pesquisa não se propõe a ser um ato de atravessamento [de forma leviana] do conhecimento popular para o conhecimento artístico-acadêmico. Nesta carta faço minhas considerações temporárias sobre a pesquisa.



A mesma é destinada aos meus irmãos e a comunidade da rua das flores, minha vizinhança de origem e local onde estreou o **Rito Artístico Farinha poética**, porque para chegar a outros municípios, saindo de Concordia do Pará por meio das rotas convencionais, é necessário sempre atravessar algum rio, isto é, sair de uma ilha; desejo meu íntimo, no melhor sentindo possível, para cada uma daquelas pessoas.

Estas cartas, mais do que obrigatoriedades de meu Programa de Pós-graduação, são memórias dos ramais que criei, são uma cartografia de meus voos, de minhas caminhadas, de minhas travessias e de minhas danças. São, portanto, meus desejos, minhas ânsias e minhas realizações. São também as formas que encontrei para agradecer aqueles que amo e uma maneira de deixar pistas para aqueles que pretendem desbravar seus próprios territórios de pesquisa-arte e vida e, por isso, escrevo-as como partilha de minha existência/passagem neste mundo e espero que, de alguma forma, possam ajuda-los em suas jornadas pessoais.

Um grande abraço, meus queridos sobrinhos, de seu tio, Juanielson A. Silva!



O voo. Replantação em desenho por Juanielson A. Silva. Acervo da família, Belém do Pará -PA, outubro de 2018

RASTROS DE UM CADERNO DE ARTISTA...



Meus sobrinhos, futuras Andorinhas. Replantação em fotografia e desenhos por Juanielson A. Silva. Acervo da família. Concórdia do Pará, dezembro de 2018